

**O Surgimento de Conflitos Armados em Estados Fracassados:
O Afeganistão**

Ricardo Costa de Almeida Rêgo

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção
do título de Especialista em Relações Internacionais

Orientador: Professor Doutor Virgílio Caixeta Arraes

Brasília

2015

RESUMO

Todas as regiões do mundo sofrem com algum tipo de conflito na atualidade. Tais contenciosos apresentam diferentes intensidades e propósitos, porém sempre ocorrem devido ao jogo de interesses. Conflito pode ser entendido como uma interação entre indivíduos, grupos, organizações e coletividades, produzindo choque para o acesso e a distribuição de recursos escassos (BOBBIO, 1998). Na atual conjuntura, baseada na globalização, há maior incidência de conflitos dentro dos Estados (intra-estatais) do que conflitos entre Estados (interestatais). Observa-se o surgimento de inúmeros grupos contrários à autoridade Estatal, constituindo-se em forças irregulares (VISACRO, 2009). Estes são os principais atores dos conflitos atuais. O *Conflict Barometer 2013*, publicado pelo *Heidelberg Institute*, destaca todos os conflitos ocorridos no mundo naquele ano, apontando para um total de 414, com variadas intensidades. O *Global Report 2014*, do *Center for Systemic Peace*, caracteriza os conflitos modernos, detalhando suas tendências. E, o *Failed States Index 2014*, do The Fund for Peace, aponta a vulnerabilidade de um Estado e o ranking de Estados Fracassados. Analisando esses dados observa-se que Estados Fracassados são aqueles que não conseguem prover o mínimo de condições civis à sua população, como paz, ordem e segurança (JACKSON, 1990). Assim, Estados com essas características são ambientes férteis para o surgimento de conflitos. O Afeganistão é um exemplo típico desse conceito. Dessa forma, conclui-se que um Estado Fracassado desestabiliza a região onde se encontra. No caso do Afeganistão, a presença da al-Qaeda coloca em risco o sistema internacional. Assim, esse tema deve ser discutido pela comunidade global para evitar o surgimento de novos conflitos.

PALAVRAS-CHAVES: Conflito, Estados Fracassados, Afeganistão.

ABSTRACT

All regions of the world suffer from some kind of conflict today. Such disputes have different intensities and purposes, but always occur due to gambling interests. Conflict can be understood as an interaction between individuals, groups, organizations and communities, producing shock to the access and the distribution of scarce resources (BOBBIO, 1998). In the current situation, based on globalization, happens a higher incidence of conflict within states (intrastate) than conflicts between states (interstate). It is possible to observe the emergence of numerous groups in opposition to the State authority, which are called irregular forces (VISACRO, 2009). These are the main actors of today's conflicts. The *Conflict Barometer 2013*, published by the *Heidelberg Institute*, highlights all the conflicts in the world that year, pointing to a total of 414, with varying intensities. The *Global Report 2014*, of the *Center for Systemic Peace*, features the modern conflicts, detailing their trends. And the *Failed States Index 2014*, of *The Fund for Peace*, says the vulnerability of a State and shows the ranking of Failed States. Analyzing this data is observed that Failed States are those who cannot provide the minimum conditions for its civilian population, such as peace, order and security (JACKSON, 1990). Thus, states with these characteristics are fertile environment for the emergence of conflicts. Afghanistan is a typical example of this concept. Thereby, it is concluded that a Failed State can destabilize the region where it is located. In the case of Afghanistan, al-Qaeda's presence endangers the international system. Therefore, this issue should be discussed by the global community to prevent the emergence of new conflicts.

KEYWORDS: Conflict, Failed States, Afghanistan

1. INTRODUÇÃO

Atualmente ocorrem conflitos em todas as partes do mundo, com diferentes intensidades, com diferentes propósitos. Todos os continentes sofrem com algum tipo de disputa por interesses, que pode desembocar em um conflito ou uma guerra.

Segundo Bobbio (1998), conflito é descrito como a existência de uma interação entre indivíduos, grupos, organizações e coletividades que produz choque para o acesso e a distribuição de recursos escassos. Nos conflitos internacionais, o recurso em questão é o território; enquanto nos conflitos políticos, o recurso em disputa pode ser o controle de cargos.

A guerra se apresenta como um fenômeno global. Como tal ela se transforma com o mundo, com o desenvolvimento das sociedades, com o acompanhamento das tecnologias. A globalização econômica pode ser considerada como responsável por conflitos de secessão dentro de Estados.

Na conjuntura atual há uma nova tendência na caracterização dos conflitos. Há uma prevalência de conflitos dentro dos Estados (intra-estatais) sobre o número de conflitos entre Estados (interestatais). O Estado perde o monopólio do uso da violência e entidades irregulares ou grupos dissidentes ao Estado assumem papel de destaque como atores nos conflitos (VISACRO, 2009).

Os conflitos apresentam causas e características próprias, relacionadas principalmente com a região onde ocorrem. Os intra-estatais normalmente estão relacionados com a luta pelo poder nacional, com conceitos ideológicos ou religiosos, com a busca por autonomia, pela rejeição ao sistema internacional e a globalização econômica e, também, pela disputa de recursos naturais (HACHEMER, 2013).

Neste ponto, aparecem os questionamentos: por que ocorrem os conflitos modernos, como eles são, quais as suas causas e características, onde ocorrem e quais as características em comum entre os locais onde ocorrem, quais os atores envolvidos?

Para o entendimento dos conflitos modernos será necessário entender que houve uma evolução desses. Nesta evolução serão apresentados os atores do combate moderno, sua forma de atuação e o ambiente onde operam. Para compreender por

que os conflitos surgem, serão apresentadas as causas e as características dos conflitos modernos.

Dessa forma serão analisados os dados publicados pelo *Heidelberg Institute*, pelo *Fund for Peace* e pelo *Center for Systemic Peace* para relacionar aspectos relevantes para o entendimento dos conflitos contemporâneos.

O *Heidelberg Institute* mostra, no *Conflict Barometer 2013*, todos os conflitos daquele ano, apontando o local de incidência, suas causas e suas intensidades, destacando um total de 414 casos, sendo 221 com uso da violência.

O *Fund for Peace*, através do *The Failed States Index 2014*, apresenta o conceito de Estado Fracassado e explica os indicadores que medem a vulnerabilidade de um Estado, até chegar ao ponto de ruir ou entrar em conflito interno.

O *Center for Systemic Peace*, por meio do *Global Report 2014* destaca tendências dos conflitos modernos, como o número de mortes e a ocorrência de conflitos intra-estatais e interestatais.

Por fim, este trabalho pretende apresentar uma relação entre os dados apresentados e as características dos Estados onde ocorrem, destacando a Guerra no Afeganistão.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A evolução dos conflitos armados

A evolução da Guerra Moderna iniciou-se em 1648, com a Paz de Vestfália (LIND, 2005). Este evento foi marcado pela assinatura de um tratado que encerrava a Guerra dos Trinta Anos, conflito que envolveu praticamente todos os reinos europeus e que estabeleceu o monopólio da guerra ao Estado (STELZER, 2000).

Antes deste momento histórico, o Estado não estava presente nas guerras. Quem combatia eram empresas, tribos, religiões ou famílias, utilizando-se de exércitos e marinhas, com métodos diversos, destacando-se extorsões e assassinatos (LIND, 2005). Ressalta-se que, para autores como Christoph Seidler, há uma contrariedade de que o Tratado de Vestfália tenha sido o marco do surgimento do

Estado Moderno, visto que Portugal, Espanha, França e Inglaterra já possuíam características dessa fase de organização de suas nações.

Na apresentação conceitual das gerações de guerra, a **Primeira Geração** se caracterizou pelas batalhas formais, com o campo de batalha plenamente ordenado. Esta geração ficou delimitada entre o término da Guerra dos Trinta Anos (1618 a 1648) e as Guerras Napoleônicas (1799 a 1815). Foram as guerras pré-Revolução Industrial (CARLAN, 2011).

Nesta geração dos conflitos, surgiram muitos dos comportamentos militares seguidos até os dias atuais, como a utilização de uniformes, os graus hierárquicos e a continência.

A **Segunda Geração** surgiu com o desordenamento do campo de batalha, o avanço tecnológico das armas e a vontade do soldado pelo combate. Sua evolução foi auxiliada pela Revolução Industrial.

Neste momento da história das guerras, a obediência aos superiores hierárquicos era mais importante do que a iniciativa para combater. Este comportamento militar aponta uma ligação com a geração anterior de conflitos armados, mantendo a cultura da ordem e a imposição da disciplina (LIND, 2005).

O grande marco do combate de segunda geração foi a I Guerra Mundial (1914 a 1918) e suas consequências para o desenvolvimento bélico mundial. Desse modo, a experiência de combate adquirida, principalmente pelo Exército Francês, foi transmitida para todos os exércitos do mundo.

Destacam-se como outros marcos da 2ª geração de conflitos armados a Guerra de Secessão Norte-Americana (1861 a 1865) e a Guerra do Paraguai (1864 a 1870) (CARLAN, 2011).

A **Terceira Geração** também surge da Primeira Guerra Mundial, porém com o Exército Alemão, por intermédio da guerra de manobra. Nela, o objetivo era passar sobre o inimigo e causar o colapso de suas tropas. Esta geração de combate destacou-se pela não linearidade das ações, assim os exércitos não combatiam nas formações rígidas das gerações anteriores. A ideia base da iniciativa possibilitava a ocorrência de manobras mais livres no campo de batalha, momento em que a criatividade se destacava sobre a simples obediência de ordens (LIND, 2005).

Ela foi marcada pela utilização de grande mobilidade tática. A *blitzkrieg*, guerra relâmpaga alemã, apresentou-se como uma forma de combate não linear, com grande utilização da surpresa, através de grandes deslocamentos e velocidade nas ações (CARLAN, 2011).

O grande marco do Combate de Terceira Geração foi a II Guerra Mundial. Neste conflito mundial, os principais fundamentos utilizados pela guerra relâmpaga alemã foram: utilização de blindados, superioridade aérea, flexibilidade, simplicidade, iniciativa, surpresa, grande apoio logístico e utilização de meios de comunicações rádio (FRIEZER, 2005).

A **Quarta Geração** carrega de sua antecessora as características de descentralização e iniciativa. Porém, nesta geração de combate, o Estado volta a perder o monopólio sobre a guerra, o que não acontecia desde a Paz de Vestfália (LIND, 2005).

Observa-se que os exércitos não combatem inimigos estatais, mas enfrentam grupos ideológicos, como a al-Qaeda, o Hamas, o Hezbollah e as Forças Revolucionárias da Colômbia (VISACRO, 2009, p. 231).

Assim, esta geração de conflito tem como atores principais organizações não estatais armadas: separatistas, anarquistas, extremistas políticos, étnicos ou religiosos e o crime organizado. A forma de atuação destas forças está baseada em técnicas e táticas irregulares, principalmente de guerrilha (PINHEIRO, 2009).

Destaca-se que a guerra de quarta geração não está relacionada somente à conflito irregular, tampouco, à somente, terrorismo. É algo mais complexo, baseada em conceitos operacionais, estratégicos, mentais e morais (VISACRO, 2009, p. 40).

John Keegan (2006), em sua obra *Uma História da Guerra*, apresenta uma evolução dos conflitos segundo a ótica da evolução da humanidade. Inicialmente ele desafia o conceito de Clausewitz de que “a guerra é a continuação da política por outros meios”. Em seguida aponta que a evolução da humanidade está relacionada com a pedra, a carne, o ferro e o fogo. O domínio sobre esses quatro itens possibilitou o desenvolvimento humano. Este desenvolvimento sempre esteve ligado a contenciosos e, por isso, à medida que foram manipulados os conflitos mudaram de proporções.

2.2. Os conflitos irregulares

Clausewitz apresenta, na obra *Da Guerra* (1996), que para vencer um Estado em combate é necessário observar três fatores: as forças militares, o território e a vontade do inimigo. Com a destruição da força militar do oponente a luta termina; com a conquista do território do inimigo, este não consegue sua reestruturação de forças; e com a ação sobre a moral do adversário, sua vontade de combater se extingue.

Os conflitos irregulares agem sobre o terceiro fator proposto por Clausewitz. Assim, o conflito irregular é observado como forma antiga de combate, com a ampla utilização de ataques surpresas e retiradas rápidas, emboscadas, sabotagens e combates seletivos, que visam surpreender o exército inimigo e a população civil, aumentando o sentimento de terror e insegurança (MIRANDA e NASCIMENTO, 2011).

Após a II Guerra Mundial (II GM), poucos foram os conflitos armados convencionais. Destes, cita-se a Guerra da Coréia (1950 a 1953), as Guerras Árabe-Israelenses (1956, 1967 e 1973), a Guerra das Malvinas (1982), a Guerra do Irã-Iraque (1980 a 1988) e a Primeira Guerra do Golfo (1990 a 1991) (PINHEIRO, 2009).

A predominância de conflitos pós-II GM foi de guerras irregulares, entre elas: a Revolução Comunista na China (1946 a 1950), a Primeira Guerra da Indochina (1946 a 1954), a Guerra de Independência da Argélia (1954 a 1962), a Guerra do Vietnã (1964 a 1973), a Guerra Afegã-Soviética (1979 a 1989), a Guerra dos Balcãs (1991 a 2001), a Segunda Guerra do Líbano (2006), entre outras.

Assim, o conflito irregular caracteriza-se como uma forma de combate utilizada desde meados do século passado. Este tipo de guerra congrega outros conceitos, como: terrorismo, guerrilha, insurreição, resistência, combate não convencional e conflito assimétrico. Ela pode se desenvolver sem que seja declarada, reconhecida ou, até mesmo, percebida (VISACRO, 2009, p. 245).

Os conflitos irregulares são caracterizados por ataques surpresas com retiradas rápidas, escaramuças, sabotagens, combates seletivos e outras técnicas e táticas que tem por objetivo desestabilizar o exército inimigo e a população civil, o

que aumenta o sentimento de terror e de insegurança (MIRANDA e NASCIMENTO, 2011).

Consoante ao conceito de conflito irregular, a Guerra de 4ª Geração, segundo estudos apresentados no final da década de 1990, apresenta algumas características marcantes: incorporação de novas tecnologias, não linearidade, dificuldade de distinção entre guerra e paz, não delimitação clara do campo de batalha, busca de alvos com grande exposição na mídia e complicação em identificar o inimigo, desgastando-o sem resultar na sua destruição (OLIVEIRA, 2010).

Martin van Creveld (1991), logo após a queda do Muro de Berlim, prospectou que as futuras guerras não seriam mais entre Estados, mas seriam entre grupos nominados como terroristas, guerrilhas, bandidos e facções políticas. Sua previsão confrontou alguns aspectos das teorias de Clausewitz, apontando-as como obsoletas ou equivocadas. Para o autor, o Estado está morrendo e as organizações internacionais estão tomando seu lugar no cenário global. Dessa forma, caso as sociedades não se adaptem às novas realidades, elas chegarão ao ponto que não serão capazes de empregar a violência de forma controlada e organizada, o que coloca sua legitimidade de poder em dúvida.

2.3. As forças irregulares

As Forças Irregulares são, geralmente, braços armados de organizações militantes. Elas possuem objetivos políticos superiores aos objetivos militares. Essas forças, não possuem um padrão de organização rígido que possa definir sua estrutura, composição e articulação (VISACRO, 2009, p. 262).

O que as forças irregulares possuem são algumas atribuições essenciais, como: conseguir o apoio popular, obter suprimentos, proporcionar segurança para sua estrutura, produzir inteligência, ampliar sua capacidade militar, desgastar seu inimigo, sobreviver e se expandir (VISACRO, 2009, p. 263).

Elas não dispõem de organização militar formal e legal, não detém equipamentos de grande porte e logística específica e, acima de tudo, não possuem autoridade jurídica, institucional e legal.

De forma geral, as forças irregulares se desenvolvem em regiões onde a presença do Estado é deficiente. Como exemplos temos a Fatah, o Hamas, a al-Qaeda, o Hezbollah e as FARC.

No caso do Afeganistão pós-Talibã, a ausência de instituições sólidas (políticas, sociais e militares), com tradição e legitimidade, contribuiu para que o Poder Central se tornasse débil e, conseqüentemente, que um ambiente favorável à violência fosse criado (VISACRO, 2009, p. 231). Assim, a al-Qaeda teve espaço para crescer em território afegão.

Destaca-se que uma força irregular depende de apoio externo, não defende o terreno onde atua e sempre lutará evitando uma “batalha decisiva”, o que dificulta sua identificação e sua total eliminação (VISACRO, 2009, p. 133).

2.4. O ambiente dos conflitos irregulares

As campanhas em nome da Guerra Global ao Terror, na Ásia Central e no Oriente Médio, nos últimos anos, evidenciam um cenário onde exércitos nacionais permanentes, com orçamentos dispendiosos e modernas tecnologias parecem ser ineficazes e antiquados (VISACRO, 2011).

Os conflitos irregulares, característicos dos dias atuais, desenvolvem-se em ambientes operacionais extremamente fluídos, com a presença de protagonistas de diversas ideologias. Neste tipo de combate, predominam as operações em ambiente urbano, devido à possibilidade das forças irregulares se misturarem à população civil (PINHEIRO, 2009).

O ambiente urbano é favorável ao desenvolvimento deste tipo de combate porque possui condições sociais e considerações político-estratégicas. As condições sociais estão relacionadas com a existência de uma crença ideológica e uma população civil suscetível à mesma; as considerações político-estratégicas estão alinhadas com os vetores de comunicação social e Organizações Não-Governamentais (ONG) existentes nas cidades.

Além das causas comuns para a ocorrência dos conflitos atuais, como o ambiente onde são travados os embates, há que se considerar as características das regiões onde ocorrem.

O ambiente para ocorrência de um conflito irregular geralmente está relacionado por um espaço geográfico onde o Estado não age de maneira eficaz. Com a falta de assistência governamental os problemas sociais se agravam, o que mina a legitimidade do poder central. Este vazio de poder, possibilitado pela ausência do Estado, permite o surgimento dos atores paralelos, das Forças Irregulares (VISACRO, 2009, p. 231).

Destarte, algumas considerações devem ser apresentadas sobre os Estados onde ocorrem os conflitos modernos.

Para Silva (2007) “Estado Débil” é aquele em que o governo central tem pouco controle prático sobre o seu território, enquanto “Estado Falido” é o Estado Débil que não exerce um governo efetivo dentro de suas fronteiras. Ressalta-se que uma característica marcante do “Estado Falido” é o desmoronamento das instituições de Estado, especialmente das Forças Armadas, Forças de Segurança Pública e Poder Judiciário.

Potencialmente, um “Estado Falido” ou “Débil” é capaz de gerar a desestabilização de uma região inteira. Nesses Estados florescem fanatismos de cunho religioso, tribal ou étnico, além de servir como refúgio para organizações terroristas e criminosas. A presença dessas forças não estatais somadas ao colapso dos serviços de Estado, leva ao surgimento de um conflito assimétrico ou irregular (SILVA, 2007).

Para Robert Jackson (1990), “Quase-Estados” ou “Estados Fracassados” são aqueles que não conseguem prover o mínimo de condições civis à sua população, como por exemplo, paz, ordem e segurança no campo doméstico. Para o autor esses Estados possuem uma existência legal no sistema internacional, porém não possuem existência política.

2.5. Estados Fracassados

Estados Fracassados, conceito adotado neste trabalho, são aqueles que vivem sob tensão permanente, em situação de conflito profundo, com a existência de facções contrárias ao poder central.

Na maioria destes Estados o exército do poder central trava combate contra um ou mais grupos dissidentes. Assim, estes Estados têm como característica comum, a violência no cotidiano da população.

O fracasso aponta para que as funções básicas do Estado não sejam executadas. O Estado se encontra paralisado e inoperante: não é possível preservar a ordem ou a segurança e o sistema socioeconômico é comprometido. O Estado perde a capacidade de governar.

Estados são considerados fracassados quando bens e serviços públicos essenciais (como saúde, educação e segurança) são providos de forma bastante limitada ou insuficiente, o que permite o surgimento de poder paralelo.

O Instituto *Fund for Peace*, por meio do *The Failed States Index 2014*, ordena os Estados quanto à vulnerabilidade para ruir ou entrar em conflito. Seu ranking é baseado em 12 (doze) indicadores, sendo eles sociais, econômicos e políticos e militares.

Os indicadores sociais são: as pressões demográficas (desastres naturais, doenças, poluição, ambiente, escassez de alimentos e água, desnutrição, crescimento populacional e mortalidade); os refugiados e deslocados internos (número de campos, doenças relacionadas aos deslocamentos, refugiados e deslocados per capita e capacidade de absorção); os agravos grupais (discriminação, violência étnica, sectária e religiosa); e emigração (emigração de população educada, capital humano e migração per capita).

Os indicadores econômicos são: o desenvolvimento econômico; e a pobreza e o declínio econômico.

E os indicadores políticos e militares são: a legitimidade do Estado (corrupção, efetividade do governo, participação política, processo eleitoral, nível de democracia, protestos e manifestações); os serviços públicos (policimento, criminalidade, educação, saneamento básico, infraestrutura, saúde, telefonia, internet, energia e estradas); os direitos humanos e o estado de direito (liberdade de imprensa, liberdades civis, liberdades políticas, tráfico de pessoas, prisioneiros políticos, encarcerados, perseguições religiosas, torturas e execuções); o aparato de segurança (conflitos internos, proliferação de armas, greves e protestos, mortes em conflitos, golpes militares, atividade rebelde, militância e ataques a bombas); as elites

faccionárias (lutas de poder, desertores, eleições fraudulentas e competição política) e a intervenção externa (assistência externa, presença de *peacekeepers*, presença de missões da ONU, intervenção militar externa, sanções e avaliação de crédito)

Os indicadores são pontuados de 0 (zero) a 10 (dez), sendo zero a referência de estabilidade. Assim na tabela de pontuação dos Estados Fracassados os Estados em alerta estarão próximos dos 120 pontos.

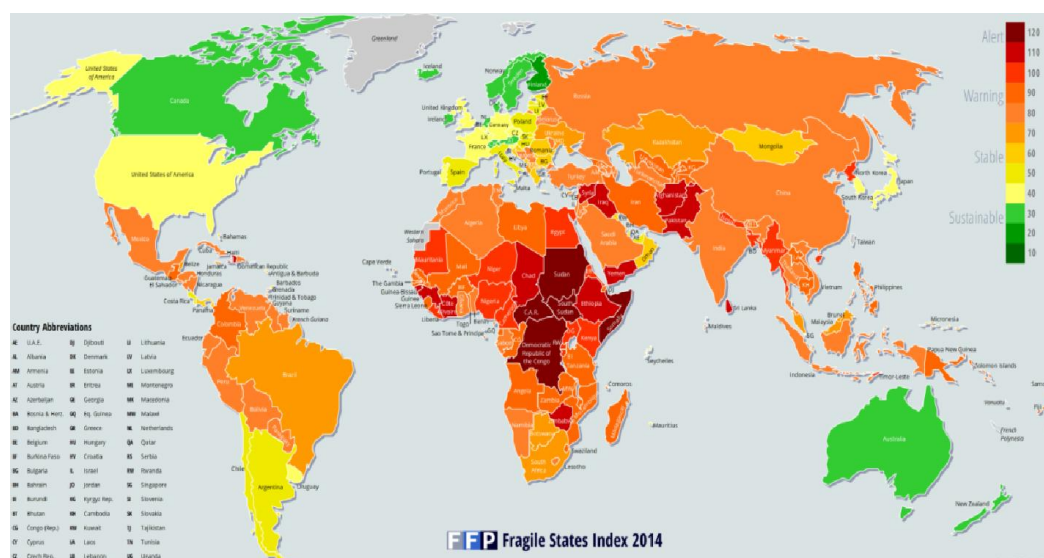


Figura 1: The Failed States Index 2014

Fonte: Fund for Peace (2014)

Para Rotberg (2002), os Estados Fracassados possuem características em comum, como aumento do número de crimes e recrudescimento da violência política; ascensão das hostilidades étnicas, religiosas, linguísticas e culturais; instituições ineficientes ou inexistentes; infraestrutura nacional deficiente ou deteriorada; altos níveis de corrupção; alta mortalidade infantil; PIB decadente; perda do controle sobre as fronteiras; entre outros.

Segundo este autor, em 2002, eram 7 (sete) os Estados observados como Fracassados, sendo eles: Afeganistão, Angola, Burundi, Libéria, República Democrática do Congo, Serra Leoa e Sudão.

De acordo com o *Failed States Index 2014*, o ranking dos Estados Fracassados é apresentado na figura abaixo:

		DP	REF	GG	MP	UED	BCO	BL	PS	HR	BGC	PL	EXT	Total
Very High Alert														
1	South Sudan	9.1	10.0	10.0	6.8	8.9	8.8	9.7	9.9	9.9	9.9	10.0	9.9	112.9
2	Somalia	9.5	10.0	9.3	8.9	8.7	9.1	9.1	9.6	9.8	9.4	10.0	9.2	112.6
3	Central African Republic	8.7	10.0	9.5	7.0	9.4	7.8	9.5	9.7	9.5	9.9	9.7	9.9	110.6
4	Congo (D. R.)	9.4	9.9	9.6	7.2	8.5	8.2	9.3	9.4	10.0	9.4	9.5	9.8	110.2
5	Sudan	8.6	9.7	9.9	8.7	8.2	8.1	9.3	9.1	9.3	9.6	10.0	9.6	110.1
High Alert														
6	Chad	9.6	9.8	8.5	8.3	8.8	7.7	9.4	10.0	9.5	9.1	9.8	8.2	108.7
7	Afghanistan	8.8	9.3	8.7	7.8	7.5	8.3	9.5	9.0	8.3	10.0	9.4	9.9	106.5
8	Yemen	9.1	9.0	9.3	7.3	7.8	9.1	8.9	8.5	9.0	9.5	9.4	8.5	105.4
9	Haiti	8.7	8.5	7.0	9.1	9.3	9.4	8.9	9.5	7.5	7.5	9.1	9.8	104.3
10	Pakistan	8.8	8.8	10.0	6.9	7.6	7.5	8.5	7.6	8.6	9.9	9.5	9.3	103.0
11	Zimbabwe	8.9	8.4	8.1	8.3	8.3	8.3	9.3	8.8	8.6	8.1	10.0	7.7	102.8
12	Guinea	8.0	8.3	8.4	7.5	7.9	8.9	9.9	9.2	8.5	9.2	9.6	7.3	102.7
13	Iraq	8.0	8.5	10.0	8.0	8.1	7.0	8.7	7.7	8.7	10.0	9.6	7.9	102.2
14	Cote d'Ivoire	7.8	9.1	9.0	7.0	7.6	7.4	8.8	8.7	8.7	8.8	9.4	9.4	101.7
15	Syria	6.0	10.0	10.0	6.9	6.9	6.7	9.8	7.2	9.9	10.0	9.6	8.6	101.6
16	Guinea Bissau	8.5	8.1	6.0	8.3	8.1	8.4	9.3	9.1	7.5	8.6	9.6	9.1	100.6
Alert														
17	Nigeria	8.3	6.9	9.8	7.0	8.9	7.3	8.8	9.0	8.7	9.5	9.5	6.0	99.7
18	Kenya	8.7	8.2	9.3	7.8	8.0	7.9	8.4	8.2	6.8	8.2	9.3	8.2	99.0
19	Ethiopia	9.4	9.0	8.9	6.7	7.3	7.4	7.1	8.9	8.0	8.1	8.7	8.4	97.9
19	Niger	9.3	8.2	7.5	6.6	7.9	8.1	7.8	9.3	7.3	8.4	8.9	8.6	97.9
21	Burundi	8.7	9.0	8.1	6.5	7.5	8.8	8.1	8.6	8.0	7.4	7.9	8.5	97.1
22	Uganda	8.7	8.7	8.3	6.9	7.6	7.3	7.8	8.3	7.6	7.9	8.9	8.0	96.0
23	Eritrea	8.5	7.3	6.4	7.5	7.2	8.0	8.8	8.4	9.2	7.6	8.1	8.5	95.5
24	Liberia	8.5	9.1	6.5	6.9	8.0	8.0	6.9	9.3	6.3	6.8	8.3	9.7	94.3
24	Myanmar	7.3	8.2	9.3	5.3	8.1	7.0	9.3	8.3	8.0	8.0	8.6	6.9	94.3
26	North Korea	7.5	4.7	6.6	4.4	8.0	9.0	9.9	9.2	9.6	8.5	8.2	8.4	94.0
27	Cameroon	8.1	7.6	7.8	7.5	7.5	5.9	8.2	8.5	8.3	7.7	9.5	6.5	93.1
28	Mauritania	8.4	8.8	7.2	6.0	6.8	7.7	7.4	8.6	7.7	7.7	8.5	8.2	93.0
29	Bangladesh	7.6	6.9	8.7	7.2	7.5	7.0	8.4	8.4	8.0	7.8	9.3	6.0	92.8
30	Sri Lanka	6.5	8.5	9.3	7.6	7.5	6.2	8.3	5.3	9.1	8.2	9.4	6.7	92.6
31	Egypt	7.1	6.4	8.6	5.1	6.8	7.9	9.0	5.7	9.7	7.9	9.4	7.4	91.0
31	Nepal	7.8	7.6	9.0	6.2	7.8	7.1	7.6	7.4	7.6	7.3	8.3	7.3	91.0
31	Timor-Leste	8.8	7.1	6.8	6.7	6.4	8.2	7.7	8.5	5.7	8.0	8.3	8.8	91.0
34	Rwanda	8.0	8.2	8.5	7.2	7.9	6.7	6.5	7.5	7.8	5.9	8.2	8.1	90.5
Very High Warning														
35	Sierra Leone	8.7	7.8	5.9	8.3	8.5	8.3	7.2	9.1	5.9	5.1	7.7	7.4	89.9
36	Mali	9.0	7.5	7.5	8.1	7.1	7.9	5.9	8.6	6.8	8.0	4.9	8.5	89.8
37	Congo (Republic)	8.1	8.1	6.3	6.5	8.1	6.7	8.4	8.8	7.6	6.4	6.7	7.9	89.6
38	Malawi	8.8	6.4	5.7	8.4	8.1	8.3	7.6	8.1	6.5	5.1	7.7	8.4	89.1
39	Burkina Faso	9.0	7.6	5.3	6.6	8.1	7.4	7.8	8.8	6.5	6.9	7.3	7.7	89.0
40	Cambodia	7.5	6.1	7.3	7.2	7.4	6.1	8.4	8.0	7.9	6.3	8.6	7.7	88.5
41	Libya	5.7	5.7	7.5	5.5	6.4	6.1	8.5	7.4	8.7	9.2	8.1	9.0	87.8
41	Togo	7.9	7.4	4.8	7.1	7.8	7.1	8.4	8.3	7.5	7.1	7.6	6.8	87.8
43	Angola	9.0	7.5	7.1	6.0	9.5	5.4	8.0	9.1	7.0	5.8	7.2	5.8	87.4
44	Iran	5.3	6.8	8.8	5.9	6.4	6.4	8.7	4.8	9.3	8.3	9.4	7.1	87.2
45	Djibouti	8.1	7.4	6.4	5.5	7.5	7.2	7.9	7.7	6.9	6.9	7.6	8.0	87.1
46	Lebanon	6.0	8.6	8.9	5.7	6.0	5.6	7.3	5.7	6.8	8.6	9.3	8.4	86.9
47	Solomon Islands	8.2	5.2	6.8	6.0	8.6	7.5	7.0	7.9	6.0	6.7	8.0	8.5	86.4
48	Uzbekistan	6.4	5.7	7.4	6.6	7.3	7.1	9.3	5.4	9.3	7.6	8.8	5.4	86.3
49	Zambia	9.3	7.2	6.0	7.7	8.3	8.0	7.7	7.9	6.8	4.7	5.7	6.9	86.2
50	Mozambique	8.9	4.9	5.4	7.4	8.3	8.1	7.5	8.7	6.4	6.6	6.6	7.1	85.9

Figura 2: The Failed States Index 2014

Fonte: Fund for Peace (2014)

A fragilidade de um Estado ou o seu fracasso é manifestada pela perda do controle físico de seu território ou a perda do monopólio do uso legítimo da força; pela erosão da autoridade legítima para a tomada de decisões coletivas; pela incapacidade de prover serviços públicos razoáveis; e pela incapacidade de interagir com outros Estados como um membro pleno da Comunidade Internacional (*HAKEN et al.*, 2014).

Ao comparar o mapa dos Estados Fracassados com a figura apresentada pelo *Center for Systemic Peace*, no *Global Report 2014*, é possível verificar uma relação entre as condições dos Estados e a incidência de conflitos.

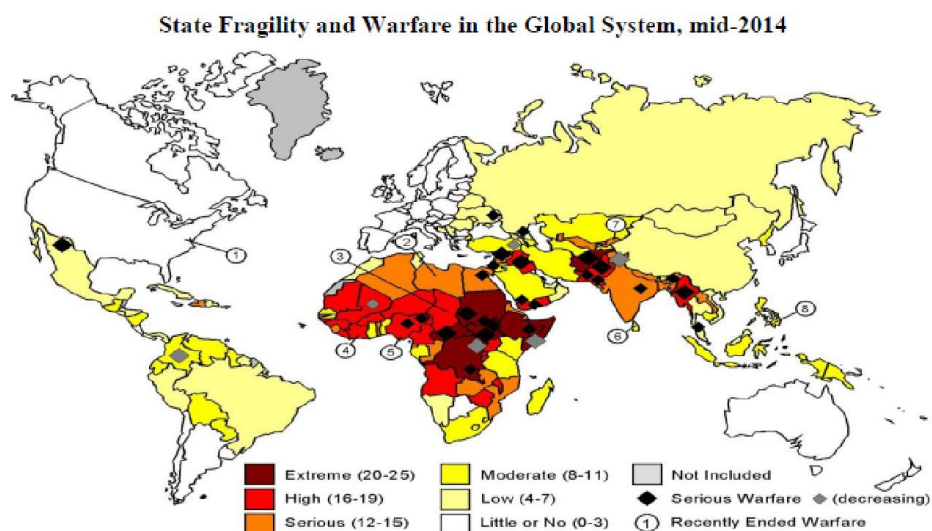


Figura 3: Fragilidade dos Estados e conflitos no Sistema Global (2014)
Fonte: *Center for Systemic Peace* (2014)

2.6. Características dos conflitos modernos

Os conflitos sempre possuem causas e características marcantes. Podem ser apontados 9 (nove) principais itens geradores de conflitos: o território, o poder internacional, o poder nacional, a secessão, a autonomia, a predominância subnacional, a descolonização, o sistema/ideologia e os recursos. Os dois primeiros itens são exclusivos de conflitos interestatais (*HACHEMER*, 2013).

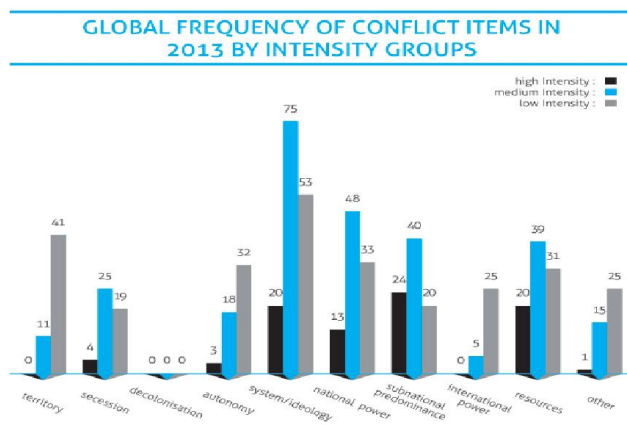


Figura 4: Causas dos conflitos (2013)
 Fonte: *Heidelberg Institute* (2013)

Em 2013, os conflitos relacionados à imposição de um sistema ou ideologias foram os de maior ocorrência, somando 148 dos 414 conflitos no mundo.

2.4. Tendências dos conflitos modernos

Observa-se que a característica marcante dos conflitos atuais está alinhada com o conceito de guerra de 4ª Geração, onde o Estado não detém o monopólio do uso da violência.

Assim, a tendência é a ocorrência cada vez maior de conflitos irregulares aos regulares. Nos combates irregulares os Estados entrarão em guerra contra forças irregulares, podendo ser uma rede terrorista, uma milícia étnica, um movimento independentista, um exército rebelde ou contra forças criminosas transnacionais. Ainda, o conflito irregular pode ocorrer entre essas entidades citadas (Garcia, 2005).

De acordo com o *Center for Systemic Peace* (2014), após o fim da Guerra Fria, marcado pelo colapso da União Soviética em 1991, os níveis de conflitos globais reduziram consideravelmente. Entretanto, se mantém a maior incidência de conflitos dentro dos Estados (intra-estatais) em comparação aos conflitos entre Estados (interestatais).

Segundo Jackson (1998), a desintegração da União Soviética e, posteriormente, da Iugoslávia contribuíram para a ocorrência de “Estados Fracassados” e de conflitos internos.

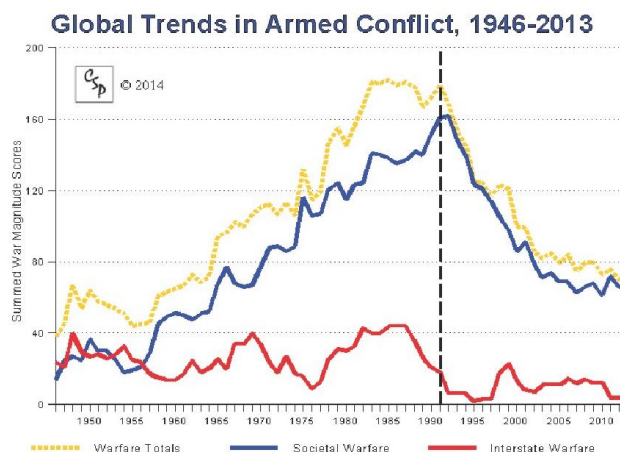


Figura 5: Evolução dos conflitos (1946-2013)

Fonte: *Center for Systemic Peace* (2014)

O declínio de conflitos interestatais pode ser explicado pela globalização, pela dependência do comércio mundial e pela cooperação existente entre os Estados. Ainda, o trabalho de instituições como as Nações Unidas (ONU), Organização dos Estados Americanos (OEA), União Europeia (UE), entre outras, impede ou dificulta a eclosão de conflitos (HEIDELBERG INSTITUTE, 2013).

O comércio mundial freia os conflitos entre Estados. A necessidade de um bom relacionamento, para a existência das trocas comerciais, dificulta o surgimento de graves conflitos de interesse que possam conduzir a uma guerra entre Estados.

Porém, a cooperação somente é possível em um mundo de abundância. Em épocas de escassez as amizades somem e as rivalidades se acirram.

Mesmo havendo um declínio nos conflitos após o final da Guerra Fria, o *Heidelberg Institute* (2013) aponta que os conflitos de alta intensidade (guerras e guerras limitadas) estão chegando ao mesmo patamar da década de 1990.

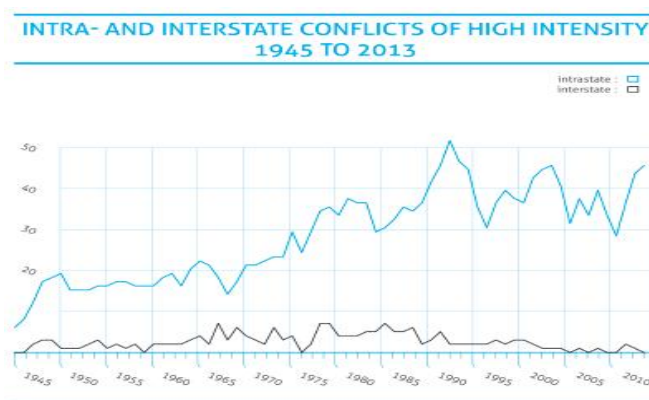


Figura 6: Incidência de conflitos (1945-2013)

Fonte: *Heidelberg Institute* (2013)

Estes conflitos que surgem com maior incidência tem sido do tipo intra-estatais. Estes estão vinculados à luta pelo poder nacional ou a uma oposição ideológica.

Outra tendência importante se relaciona com a redução no número de mortes (baixas) nos conflitos armados, conforme apresentado no gráfico abaixo.

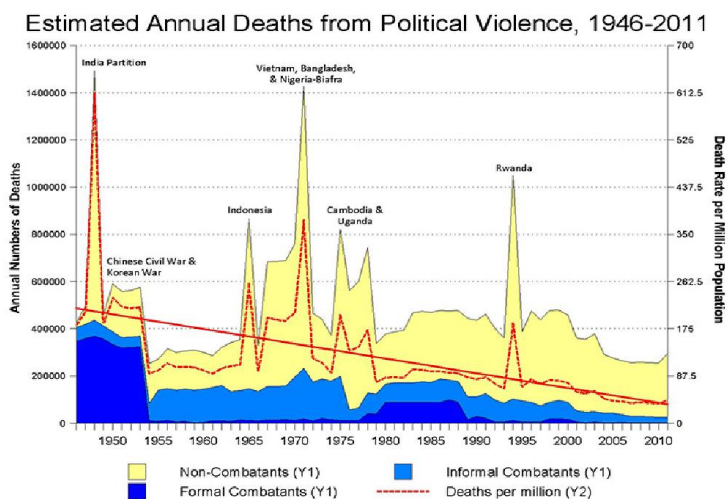


Figura 7: Vítimas fatais da violência política (1946-2011)

Fonte: *Center for Systemic Peace* (2013)

3. O AFGANISTÃO

3.1. A instabilidade da região onde se encontra: o Oriente Médio

De acordo com o *Heidelberg Institute*, o Oriente Médio destaca-se como uma das áreas mais instáveis do planeta, com grande incidência de conflitos intra-estatais e interestatais e, também, um considerável atraso em relação ao Ocidente.

A instabilidade regional pode ser explicada pela relação promíscua existente entre a religião e o Estado, o que produziu um sistema monolítico, contrário à democracia, emancipação feminina e liberdade de imprensa, gerando uma sociedade decadente. O atraso da região pode ser entendido pelas consequências do colonialismo europeu e, da mesma forma, pelo imperialismo americano e soviético, que geraram grandes desastres no mundo muçulmano. Entretanto, o colonialismo e o imperialismo só ocorreram porque a região já apresentava sinais de decadência (LEWIS, 2002).

Lewis (2002) afirma que a cultura ocidental foi mal assimilada no mundo muçulmano. Como exemplo, cita-se que o ideal do nacionalismo pregado no ocidente foi transformado em monarquias absolutistas e/ou ditaduras militares no oriente. Assim, o insucesso dos ideais ocidentais insuflou o fundamentalismo religioso com a equivocada promessa do retorno ao passado glorioso de domínio mundial pelos muçulmanos.

Ao contrário do autor judeu citado acima, outro escrito, Said (1978), palestino e cristão protestante, realiza uma crítica ao tratamento subalterno dado ao Oriente Médio, chamado de Orientalismo. Assim, sua obra afirma que o colonialismo ocidental desfigurou a cultura oriental e prejudicou seu desenvolvimento, sendo responsável pela instabilidade presente na região.

3.2. O país

O Afeganistão possui fronteiras arbitradas, o que serviu como “tampão” entre a Rússia e a Índia. Assim, por muito tempo, foi cobiçado por czares e monarcas ingleses. O país foi unificado em meados do século XVIII, em 1880 passou à tutela britânica e em 1919 tornou-se independente.

A população afegã possui uma variedade de etnias, podendo ser considerada uma “colcha de retalhos de variados povos” (VISACRO, 2009, p. 202). Dessa forma, há uma delicada identidade nacional e a organização social apresenta-se baseada em clãs.



Figura 8: Distribuição étnica no Afeganistão

Fonte: Site DefesaNet

Apesar da diversidade de étnica, há uma unidade religiosa, onde 90% da população são muçulmanos sunitas e 9% xiitas. Assim, o Islã é um único elemento em comum para a quase totalidade do povo afegão.

3.3. O conflito de 1979 a 1989

O Afeganistão foi palco de um conflito armado durante a Guerra Fria. Para Huntington (1998), o Afeganistão foi a *Waterloo* da Guerra Fria. Comparativamente, se o êxito da Revolução Iraniana consagrou a vitória política do islamismo, a resistência afegã, constitui a vitória militar.

Em 1979, a facção *khalq* (o povo) estava determinada a edificar um Estado marxista no Afeganistão. Com sede em Cabul, o governo *khalq* impôs reformas divergentes aos preceitos islâmicos arraigados na tradição afegã.

Seguindo a identidade cultural do Islã, apoiado no modelo islâmico da teocracia iraniana, grupos muçulmanos se revoltaram contra o regime marxista de Cabul.

Visando conter a revolta, Moscou enviou tropas para tentar salvar a comunista República Democrática do Afeganistão. Assim, face à ocupação russa, teve início no mundo muçulmano uma convocação de jovens fundamentalistas para ingressar na *jihad* dos guerrilheiros *mujahidin*. Isto tornou a resistência afegã uma cruzada internacional.

O Exército Vermelho (exército da ex-União Soviética) não estava preparado para a fisiografia do Afeganistão e para a guerra de guerrilha. Assim, defrontou-se com um crescente número de perdas humanas. Tal fato aumentou o uso da força contra a população afegã, havendo a incidência de inúmeros crimes de guerra e considerável quantidade de deserção no exército regular afegão. O conflito chegou ao fim em 15 de fevereiro de 1989, quando ocorreu a retirada dos últimos elementos do Exército Vermelho.

Foi essa guerra que produziu uma série de organizações fundamentalistas islâmicas empenhadas na divulgação do islamismo contra todas as forças não muçulmanas. O conflito deixou uma herança de combatentes especializados e

experientes, campos de treinamento, bases, áreas logísticas, redes de relacionamentos e armamentos. Ainda, o conflito deixou sensação de poder e autoconfiança para os grupos da resistência (HUNTINGTON, 1998).

3.4. O Regime Talibã

Após o conflito contra o Exército Vermelho e a queda do regime comunista, o Afeganistão entrou em um período de luta fratricida. A guerra civil afegã levou ao poder o movimento Talibã.

Para Lewis (2002) o Talibã visava aquele retorno glorioso ao passado, imitando a vida dos tempos do profeta Maomé.

Em 1998, o Talibã controlava mais de 80% do país. Baseado na plantação de papoulas e no tráfico de drogas, o regime aumentava seu controle no país. Além do financiamento vindo das drogas, o regime mantinha ligações com organizações não governamentais, como o *xequ* palestino Abdullah Yussuf Azzam, que fundou um dos primeiros centros de recrutamento e treinamento de voluntários *mujahidin*. Azzam, para financiar seu projeto, juntou-se ao milionário saudita Osama bin Muhammad bin Laden, sendo capaz de criar uma das principais bases *mujahidin* no Afeganistão.

Ainda em 1998, bin Laden e jihadistas egípcios fundaram a al-Qaeda. Assim, é possível compreender a estreita ligação entre bin Laden e o Afeganistão - .

3.5. A nova Cruzada Internacional

Imaginando uma nova união muçulmana, como ocorrida para expulsar o invasor soviético, a al-Qaeda de Osama bin Laden, chega a conclusão que um ataque aos Estados Unidos provocaria a renovação do apelo internacional pela *jihad*.

Assim, em 11 de setembro de 2001 são executados os atentados terroristas aos Estados Unidos e, tendo o grupo terrorista afegão assumido a autoria das ações, inicia-se uma nova fase de conflitos internacionais, “a guerra global contra o terror”.

3.6. O Afeganistão atualmente

Atualmente, no Afeganistão existem quase 1,2 mil facções tribais armadas. No cenário internacional, o Afeganistão já se destacou pela difusão do *salafismo jihadista*; pela ascensão e oposição ao regime Talibã, instalado após a erradicação do comunismo; pelo vínculo do Talibã com a organização terrorista de Osama bin Laden; devido à resistência à ocupação anglo-americana; e graças a enorme produção de papoula.

De acordo com o Instituto Heidelberg (2013), o Afeganistão está envolvido em 3 (três) conflitos. Dois deles são intra-estatais e um é interestatal. O conflito interestatal foi deflagrado em 1947 contra o Paquistão, tendo como item gerador a disputa por território (fronteiras). Um dos conflitos intra-estatal é a disputa de predominância subnacional entre a etnia nômade Kuchi e a etnia Hazara, de origem mongol, que teve início em 2007. E o outro conflito intra-estatal, gerado por questões do sistema político, de ideologias e disputa por poder nacional, tem como atores os Talibãs, a Rede Haqqani, a al-Qaeda, o Movimento Islâmico do Uzbequistão e outros grupos militantes contra o governo local, iniciado em 1994.

Conforme o *Fragile States Index* (2014), do *The Fund for Peace*, o Afeganistão está classificado na 6ª colocação, em estado elevado de alerta (*High Alert*), com 106,5 pontos na soma dos indicadores que sugerem a vulnerabilidade para ruir ou entrar em conflito de um país.

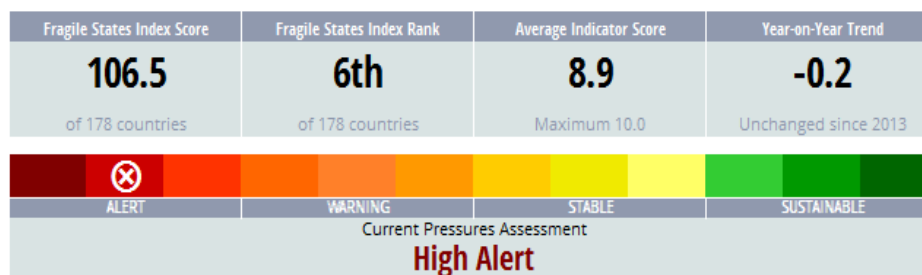


Figura 9: *Fragile States Index*: pontuação e classificação (Afeganistão - 2014)
Fonte: *The Fund for Peace* (2014)

É possível verificar a evolução dos indicadores do Afeganistão nos últimos anos, conforme o gráfico abaixo.

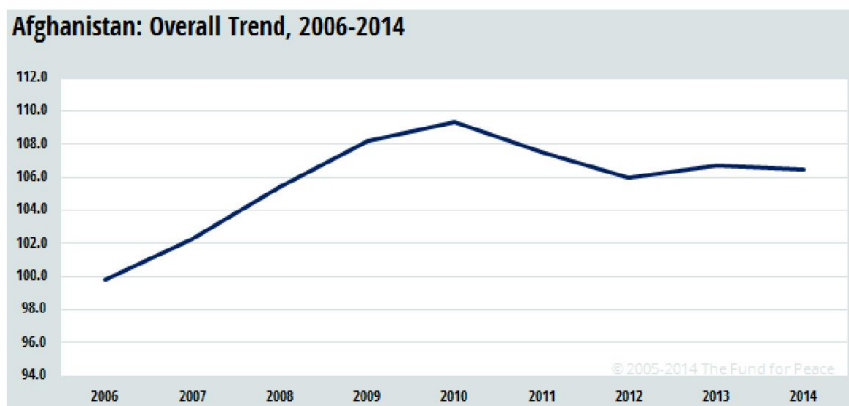


Figura 10: *Fragile States Index*: evolução da pontuação (2006-2014)
Fonte: *The Fund for Peace* (2014)

Os indicadores sociais e econômicos, de 2006 a 2014, podem ser analisados no quadro abaixo.

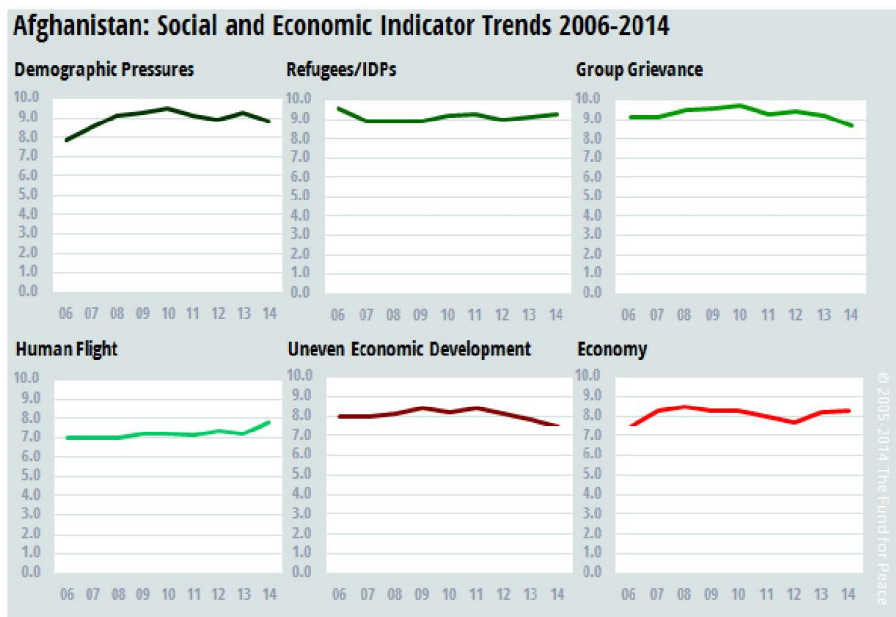


Figura 11: *Fragile States Index*: indicadores sociais e econômicos (2006-2014)
Fonte: *The Fund for Peace* (2014)

Enquanto a evolução dos indicadores políticos e militares pode ser observada no quadro seguinte.

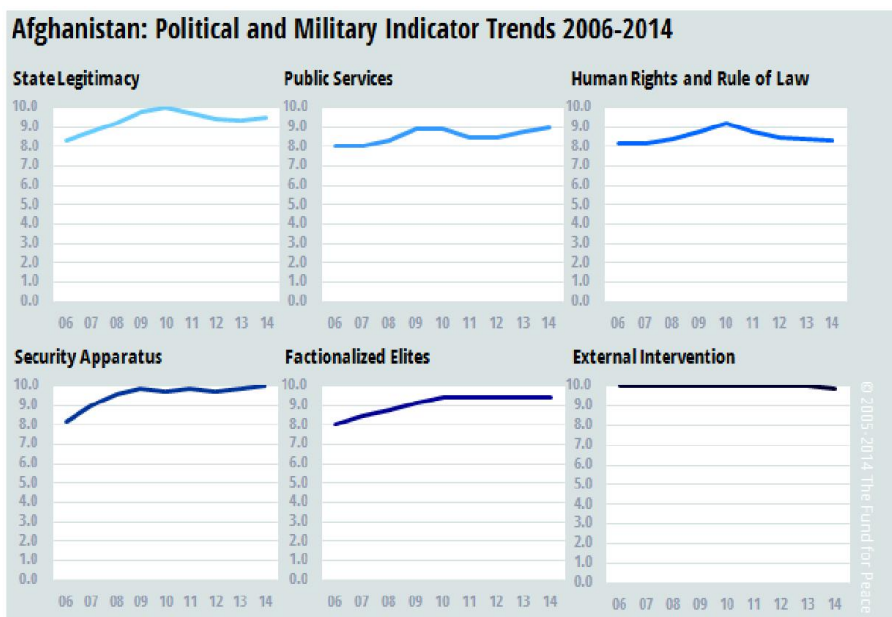


Figura 12: *Fragile States Index*: indicadores políticos e militares (2006-2014)
 Fonte: *The Fund for Peace* (2014)

Por fim, é possível realizar, de acordo com os itens geradores de conflitos, uma comparação entre o Afeganistão, a região que se encontra e o mundo.

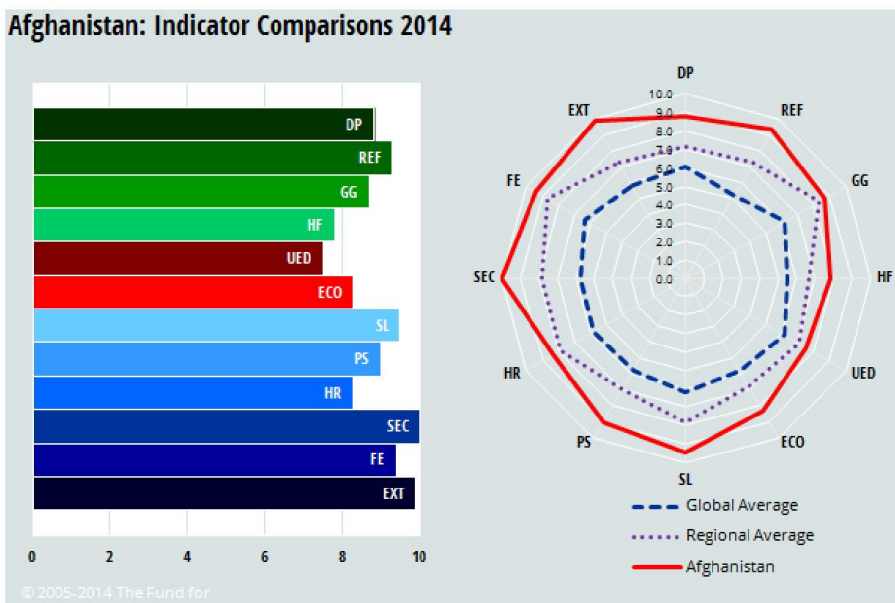


Figura 13: *Fragile States Index*: comparação dos indicadores (2014)
 Fonte: *The Fund for Peace* (2014)

4. CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou aspectos importantes para o entendimento dos conflitos que ocorrem no mundo atualmente.

A evolução dos conflitos apresentou as características marcantes em cada momento da história das guerras, culminando com os Conflitos de Quarta Geração. Ao destacar os conflitos desta última geração foram ressaltados aspectos como o ambiente onde eles ocorrem e o tipo de ator presente em tal embate.

De posse desses conceitos foi realizada a ligação com o conceito de “Estados Fracassados”. Estes apresentam características em comum que podem ser destacadas como as causadoras dos conflitos modernos.

Assim, utilizando os conceitos de Robert Jackson (1990) e de Alessandro Visacro (2009) e dos parâmetros do Instituto Heidelberg (2013), se observa que a ausência do Estado possibilita o surgimento de forças irregulares que lutarão contra o governo local por poder, recursos, território, autonomia ou por questões ideológicas. Dessa maneira, a assistência governamental deficiente agrava os problemas sociais, o que gera descontentamentos, fragiliza o poder central e pode conduzir a um conflito.

O vazio de poder possibilita a ascensão de novos atores capazes de construir poderes concorrentes ao Estado. Atualmente, vemos a marcante presença de grupos como o autointitulado Estado Islâmico, a al-Qaeda, o Hezbollah e as FARC, como grandes ameaças no cenário internacional.

O estudo de dados atualizados como o *Conflict Barometer 2013*, do *Heidelberg Institute for International Conflict Research*, do *Fragile States Index 2014*, do *The Fund for Peace* e do *Global Report 2014*, do *Center for Systemic Peace*, possibilitam o entendimento da conjuntura global relacionada aos conflitos.

A análise dos dados aponta que uma característica comum dos Estados que apresentam conflitos dentro de seus territórios é a ausência da legitimidade de poder, o que conduz para o conceito de Estado Fracassado.

Para diversos autores, inclusive para a Organização das Nações Unidas (ONU), um Estado Fracassado, fruto do processo crescente de globalização e interdependência entre Estados, é capaz de desestabilizar toda uma região.

O Afeganistão, observado como 7º colocado no ranking do *Failed States*

Index 2014, foi estudado por apresentar características bem marcantes de um Estado Fracassado. Seus conflitos atuais (intra-estatais e interestatal) apontam para uma falência da eficiência governamental, que não possui normas de governança adequadas e culminam com uma falta de perspectivas para a retomada do controle interno.

Dentro da teoria que um Estado Fracassado pode desestabilizar toda uma região e o mundo, a presença da al-Qaeda no Afeganistão foi determinado como um perigo para o sistema internacional. Dessa forma, sendo palco de uma invasão liderada pelos Estados Unidos, na Guerra Global Contra o Terror.

A conclusão que se chega, ao observar Estados Fracassados como o Afeganistão, é que estes são berços de inúmeros problemas que não se limitam às suas fronteiras. Sendo eles, desde locais de homizio de grupos terroristas a simples “exportadores” de refugiados.

Tais problemas apontam que a condição de um Estado Fracassado deve ser fortemente discutida pela comunidade global e que ações devem ser tomadas por organismos internacionais para evitar o surgimento de situações fora de controle que venham a se tornar conflitos armados.

REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CARLAN, Claudio Umpierre. **Guerra Irregular**. História: Questões & Debates, Curitiba, n.54, p.291-296, jan-jun, 2011.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CREVELD, Martin van. *The Transformation of War*. The Free Press: New York, 1991
- FREYTAS, Manuel. **Guerra de Quarta Geração: aniquilar, controlar ou assimilar o inimigo**. Gaceta en Movimiento, out, 2010.
- FRIEZER, Karl-Heinz. *The Blitzkrieg Legend: The 1940 Campaign in the West*. Naval Institute Press, 2005.
- GARCIA, Francisco Proença. **A transformação dos conflitos armados e as forças de revolução nos assuntos militares**. *Jornal Defesa e Relações Internacionais*", Portugal, 2005.
- HACHEMER, Peter. *Conflict Barometer 2013*. Heidelberg Institute for International Conflict Research, 2013.
- HAKEN, Nate; MESSNER, J. J.; HENDRY, Krista; TAFT, Patricia; LAWRENCE, Kendall; BRISARD, Laura; UMAÑA, Felipe. *Failed States Index 2014*. The Fund for Peace, 2014.
- HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.
- JACKSON, Robert H. *Quasi-States: Sovereignty, International Relations and the Third War*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- _____. *Surrogate Sovereignty? Great Power Responsibility and "Failed States"*. Institute of International Relations. The University of British Columbia, 1998.
- KEEGAN, John. **Uma História da Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LEWIS, Bernard. **O que deu errado no Oriente Médio?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LIND, William. **Compreendendo a Guerra de Quarta Geração**. Military Review, p.12-17, jan-fev, 2005.

MIRANDA, Wando Dias; NASCIMENTO, Durbens Martins. **Conflitos Assimétricos e o Estado: o neoterrorismo e os novos paradigmas para a formulação de políticas de defesa nacional**. 3º Encontro Nacional ABRI 2011. São Paulo, 2011.

MARSHAL, Monty G.; COLE, Benjamin R. **Global Report 2014: Conflict, Governance and State Fragility**. Center for Systemic Peace, 2014

OLIVEIRA, Marcos Aurélio. **A Nova Ordem Mundial e a Guerra Assimétrica**. III Seminário de Estudos: Poder Aeroespacial e Estudos de Defesa. Universidade da Força Aérea, 2010.

PINHEIRO, Alvaro de Souza. **O Conflito de 4ª Geração e a Evolução da Guerra Irregular**. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Centro de Estudos Estratégicos, Coleção Castello Branco, v.2, a. I, jul-ago, 2009.

ROTBURG, Robert I. **Failed States in a World of Terror**. Foreign Affairs. Nova Iorque, jul/ago, 2002.

STELZER, Joana. **De soberano a membro: o papel do estado inserido na dinâmica comunitária europeia**. Novos Estudos Jurídicos, n.11, p.193-208, out, 2000.

SILVA, Carlos Alberto Pinto. **Guerra Assimétrica: adaptação para o êxito militar**. Rio de Janeiro: Revista PADECEME, set, 2007.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **O desafio da transformação**. Military Review, p.46-55, mar-abr, 2011